

Mesa Coordenada 11

HISTÓRIA, IMPRENSA E SOCIEDADE: entre práticas e representações

“E QUANDO É NOITE A LUA NINA TERESINA”: enlaces históricos da passagem de um “bruxo” pela capital do Piauí (Anos 1970)

[10.51205/sinespp.2024.mesa.artigo036](https://doi.org/10.51205/sinespp.2024.mesa.artigo036)

“AND WHEN IT'S NIGHT, THE MOON CRADLES TERESINA”: historical links to the passage of a “wizard” through the capital of Piauí (1970s)

Carlos Alberto de Melo Silva Mota¹

RESUMO

O presente artigo analisa enlaces da cultura teresinense nos anos 1970 a partir da passagem de um “bruxo” pela capital do Piauí. O trânsito desse sujeito pela cidade permite discutir acerca da religiosidade, dos espaços de sociabilidade e o papel desempenhado pela imprensa nessa localidade. Nosso trabalho adota como suporte de pesquisa matérias jornalísticas publicadas nesse período e documentos oficiais, a partir de um trabalho empírico, balizado pelas dimensões de História e Imprensa. O objetivo geral desse trabalho é analisar a dimensão do texto inserido dentro de um determinado contexto, acreditamos que o espaço e o tempo de produção de determinado material interferem diretamente na sua forma, dessa maneira situamos o recorte espacial de Teresina e temporal dos anos 1970 como eixos determinantes para nossa análise. O aspecto político atravessa nossa análise, destacamos o Regime Militar e a Guerra Fria como marcos desse contexto, embutidos no imaginário popular, impactando a forma como os sujeitos interpretavam as informações. Nosso trabalho é estabelecido em articulação com discussões dos trabalhos de Michel de Certeau (1982), Fernand Braudel (1965), Daniel Samways (2014), Francisco Alcides Nascimento (2017), Mariana Resende Corrêa (2014) e Cláudia França (2014).

Palavras-chave: Escrita da História; Jornalismo; Atividades paranormais; Teresina.

ABSTRACT

This article analyzes cultural connections in Teresina during the 1970s based on the passage of a “wizard” through the capital of Piauí. The passage of this individual through the city allows a discussion on

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

religiosity, spaces of sociability, and the role played by the press in this locality. The research relies on journalistic articles and official documents from this period, conducted through an empirical approach guided by the dimensions of History and Press. The general objective of this work is to analyze the dimension of the text inserted within a certain context, we believe that the space and time of production of a certain material directly interfere in its form, therefore we place the spatial and temporal outline of Teresina in the 1970s as determining axes for our analysis. The political aspect runs through our analysis, we highlight the Military Regime and the Cold War as milestones in this context, embedded in the popular imagination, impacting the way in which subjects interpreted information. Our work is established in conjunction with discussions of the works of Michel de Certeau (1982), Fernand Braudel (1965), Daniel Samways (2014), Francisco Alcides Nascimento (2017), Mariana Resende Corrêa (2014) and Cláudia França (2014).

Keywords: History Writing; Journalism; Paranormal activities; Teresina.

1 INTRODUÇÃO

“Bruxo que cura cegos e mudos encontra-se em Teresina”, foi dessa forma que o jornal *O Estado* noticiou a chegada de Oriethy Bey na capital do Piauí no dia 23 de junho de 1975. A partir desse momento as páginas do jornal viraram um campo de batalha entre sujeitos que acusavam Bey de “charlatanismo” e outros que defendiam a idoneidade do parapsicólogo e o caráter científico de sua atuação.

Conforme comunicava o jornal *O Estado*, Oriethy Bey – conhecido em todo o Brasil como o “super-bruxo”- chegava em Teresina para ministrar um importante curso de parapsicologia (etiologia das doenças 4psíquicas e dinâmica da psicologia) entre os dias 25 e 28 de junho no Auditório Herbert Parente Fortes, sob os auspícios da Secretaria de Cultura.² Os interessados em participar do ciclo de formação deveriam pagar uma “taxa simbólica” de Cr\$ 50,00³ pela inscrição.

A matéria que divulgava a chegada do “bruxo” também era preenchida por inúmeras realizações de Oriethy Bey, dentre as quais podemos destacar a visão de espíritos, previsões do futuro e a cura de enfermos.

² BRUXO que cura cegos e mudos encontra-se em Teresina. Teresina: *O Estado*, 22/23 jun. 1975, p. 6.

³ Conforme mecanismos de conversão esse valor seria equivalente a 5,00 R\$ na moeda atual.



Figura 1: Oritethy Bey posa ao lado de Silvio Santos na TV Tupi⁴

Bey - cujo nome de batismo era Oseso Monteiro – havia nascido na cidade de Corumbá no Mato Grosso do Sul e chegou a ocupar um local de projeção na Televisão Nacional ao rivalizar com o ilusionista israelense Uri Geller. Enquanto Geller fazia aparições na Rede Globo de Televisão; Bey exibia-se na TV Tupi ao lado de figuras como Silvio Santos. Ambos “paranormais” destacavam a capacidade de dobrar objetos metálicos com a força da mente, fazer movimentar ponteiros de relógios parados e até mesmo possuir o poder da telepatia.

Ao chegar em Teresina, o super-bruxo fez uma “demonstração” dos seus poderes na redação do jornal *O Estado*, onde teria hipnotizado um jovem e afirmado conhecer todos os mistérios da “magia negra”, assegurando ser capaz de curar paralíticos, surdos e cegos. Conforme suas palavras, “o sobrenatural não é nada mais que manifestações ocultas que o homem possui; alguns em maior dose, é obvio”.⁵

A presença de Oriethy Bey na capital piauiense foi marcada por polêmicas. Conforme a opinião de figuras públicas da cidade, como do odontólogo Osvaldo Monteiro Filho (Presidente da Associação Piauiense de Hipnologia), Bey seria um charlatão, vigarista, que deveria ser preso por estar infringindo o Código Penal. Essa narrativa estampou a capa do jornal *O Estado* no dia 27 de junho de 1975, acompanhada da informação que Oriethy Bey teria iniciado seu curso no dia anterior.

⁴ MORAES, Edson. Oriethy Bey, o pantaneiro que desbancou Uri Gheller completou 94 anos. MS Notícias, 2015. Disponível em <<https://www.msnoticias.com.br/variedades/oriethy-bey-o-pantaneiro-que-desbancou-uri-gheller-completou-94-anos/60801/>> Acesso: 20/08/2023 às 15:00.

⁵ BRUXO que cura cegos e mudos encontra-se em Teresina. Teresina: *O Estado*, 22/23 jun. 1975, p. 6.

O presidente da Associação Piauiense de Hipnologia, Odontólogo Osvaldo Monteiro Filho declarou à reportagem de O ESTADO, ontem, que o Sr. Bey é charlatão, um vigarista, que deve ser preso porque está infringindo o Código Penal Brasileiro. Enquanto isso, Bey iniciou ontem no Auditório Herbert Parente Fortes, o seu curso de parapsicologia, sob os aplausos de uma plateia de gente seleta, que superou as expectativas. Por outro lado o dentista que ameaçou ir com a Rádio Patrulhar à conferência do professor Bey, não cumpriu sua palavra, pois nem sequer compareceu ao auditório onde se encontrava o parapsicólogo. Falando em expressões bem medidas e com absoluta firmeza, o prof. Oriethy Bey deu início, ontem à noite, no Auditório Herbert Parente Fortes, ao seu curso de parapsicologia.⁶

A forma como o jornal *O Estado* noticiou essa situação nos permite analisar nuances acerca da operação de escrita dentro desse contexto histórico. Ao mesmo tempo que a matéria evidencia a opinião do dentista Osvaldo Monteiro, onde são tecidas duras críticas ao palestrante Oriethy Bey; também podemos observar um contraponto narrativo, onde o autor do texto destaca o caráter seleta dos presentes, a superação das expectativas de público, as expressões bem medidas e a absoluta firmeza de Bey. Além disso, podemos observar uma pequena alfinetada à figura de Monteiro, com a exposição de sua falha em cumprir a palavra e sequer comparecer ao auditório Herbert Parente Fortes.

Essa construção narrativa transmite uma posição do jornal *O Estado* alinhada à figura do bruxo, destacando aspectos positivos de sua presença. É importante destacar que essa empresa jornalística foi o meio utilizado por Bey para divulgar sua chegada ao Piauí e a realização do seu curso, chegando até mesmo a utilizar o espaço da sua redação para hipnotizar um jovem e demonstrar suas habilidades. Nesse sentido, entendemos que o *lugar social* de onde escrevem os colunistas do periódico pode influenciar na forma como os eventos são narrados.

Conforme o historiador Michel Certeau, a escrita se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural, ela está submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade⁷. É através desse lugar que se organizam os interesses, as propostas e as questões.

Conscientes da importância de pensar o lugar social da escrita, prosseguimos a análise pelas páginas do jornal *O Estado* durante o traslado dessa figura inusitada por Teresina. Ainda no dia que sucedeu sua aula inaugural, podemos identificar uma matéria com ênfase nos

⁶ DENTISTA radicaliza: bruxo deve ser preso. Teresina: O Estado, 26 jun. 1975, p. 1.

⁷ CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982, p.57.

espectadores presentes no auditório: “diante de uma plateia constituída de médicos, sacerdotes, bacharéis em advocacia, engenheiros, psiquiatras, jornalistas, empresários e profissionais liberais de um modo geral.”⁸

Analisar o público desse evento permite compreender um pouco do contexto socioeconômico de Teresina desse período, conforme podemos observar nas matérias anteriores esse evento teria uma taxa de inscrição “simbólica” (de Cr\$ 50,00) e teria contado com uma “plateia de gente seleta”. As palestras foram realizadas no Auditório Herbert Parente Fortes, situado na avenida Miguel Rosa (zona centro sul), de 20:00 às 22:30. Também vale destacar que o evento teve início numa quarta-feira (24 de junho) e findou sábado (28 de junho).

Apenas essas informações sobre a logística do encontro já acabam por selecionar uma parcela da sociedade piauiense e excluir outros sujeitos: aqueles que não possuíam o valor “simbólico” para pagar a taxa de inscrição, os que não possuíam meios de transporte para chegar até o local, os que temiam voltar para casa em horários tardios, os que precisavam preocupar-se com o repouso tendo em vista o dia seguinte dedicado ao trabalho, os que não eram entendidos como “seletos” e dignos de acesso ao lazer.

Enquanto os membros da elite econômica se deleitavam com as palavras do bruxo no interior do auditório, é bem provável que as camadas mais populares se divertissem em quermesses, quadrilhas e festejos no entorno dos seus bairros, afinal era o período do ano dedicado as festividades juninas de Santo Antônio, São João e São Pedro, entidades de forte presença no imaginário católico piauiense.

Cabe observar que essa orientação católica foi um dos fundamentos utilizados por aqueles que teciam críticas ao bruxo, através de argumentos pautados na figura do Papa Pio XII.

“O professor de medicina legal Flaminio Favero, situa muito bem, este crime por infringir o Código Penal Brasileiro com pena de detenção de 6 meses a 2 anos de acordo com o art. 284. O Papa Pio XII, também desaprovou o uso da hipnose tanto a leigos como a eclesiásticos” afirmou o dentista Osvaldo Monteiro.

[...] E também faz uma alerta: “Aos curistas, muito cuidado, não se deixem hipnotizar por mágicos, são indivíduos inescrupulosos que impõem o seu desejo de onipotência, doa a quem doer. O nosso psiquismo é uma máquina maravilhosa e delicadíssima e uma vez lesado suas sequelas são fatais e irreversíveis. Um curso desta natureza condiciona novos aprendizes de

⁸ MÉDICOS e sacerdotes no curso do “Bruxo”. Teresina: O Estado, 26 jun. 1975, p. 2.

feiticeiro, novos bruxos, novos charlatões, novos milagreiros”.⁹

O uso da argumentação católica contra a passagem do bruxo por Teresina pode ser analisado em consonância com dados demográficos da década de 1970, onde a população piauiense era estimada em aproximadamente 1.680.573 sujeitos, dentre os quais 1.652.607 se definiam como católicos¹⁰, número que correspondia a aproximadamente 98% do total. Conforme dados levantados pelo censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, o Piauí segue líder no índice relativo aos estados mais católicos do país, com 85,1% da população total.¹¹

A análise desses dados permite situar esse pensamento religioso dentro de uma longa duração na história piauiense. Em outras palavras, poderíamos dizer que o catolicismo corresponde a uma estrutura dessa localidade.

Por "estrutura", os observadores do social entendem uma organização, uma coerência, relações bastante fixas entre realidades e massas sociais. Para nós, historiadores, uma estrutura é, sem dúvida, um conjunto, uma arquitetura, mas é mais ainda uma realidade que o tempo usa mal e veicula demoradamente. Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: embaraçam a história, incomodam-na, e assim comandam seu fluxo.¹²

Ao pensarmos em *estruturas*, estamos nos referindo a velhos hábitos de pensar e agir, quadros resistentes e difíceis de desaparecer. Nessas circunstâncias, situar o bruxo com um contraponto ao pensamento católico acaba o colocando como um antagonista da lógica social que as pessoas estavam acostumadas, criando certa repulsa à sua imagem.

Apesar de contrapor a ordem religiosa, veicular notícias acerca de Oriethy Bey e seus “poderes paranormais” acabava por endossar discursos conspiracionistas que circundavam a atmosfera nacional. O historiador Daniel Samways aponta que a busca incessante pela eliminação do suposto perigo comunista no Brasil criou uma paranoia. O medo e a aversão aos seguidores dessa ideologia fizeram com que serviços de informação vissem seu algoz em praticamente toda sociedade, que devia ser vigiada e espionada, em nome da ordem e

⁹ BRUXO deve ser preso. Teresina: O Estado, 26 jun. 1975, p. 6.

¹⁰ BRASIL. IBGE. Censo Demográfico Piauí, VIII Recenseamento Geral, 1970, p. 10. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/>>

¹¹ CENSO 2010: Piauí continua sendo o Estado mais católico do Brasil. Cidade Verde, 2012.

<https://cidadeverde.com/noticias/106436/censo-2010-piaui-continua-sendo-o-estado-mais-catolico-do-brasil>.

¹² BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: longa duração. Revista História, vol. XXX, ano XVI, 1965, p. 8.

segurança nacional. Samways faz referência a uma palestra proferida em 1970 na Escola Superior de Guerra - ESG, cujo título era “Espionagem nas informações”, na qual o palestrante apontava uma nova arma que deveria ser incorporada ao sistema de segurança: a *telepatia*.

O apontamento desse recurso pode parecer estranho, nos dias atuais, assim como talvez o fosse no período supracitado, contudo, os tempos de Guerra Fria ficaram marcados por uma aproximação entre o real e o imaginário, dando sentido à busca de monstros a serem eliminados com as armas cada vez mais poderosas.¹³

Embora esteja ainda na fase experimental e de estudos, queremos assinalar aqui esse novo meio de comunicação que o homem vem procurando dominar. Trata-se da possibilidade de controlar o fenômeno parapsicológico da *telepatia*, tendo em vista a previsão alarmante de que a capacidade cada vez maior dos computadores tornará, no futuro não muito remoto, praticamente impossível a existência de uma cifra indecifrável. Sabe-se que atualmente as grandes potências mundiais estão empenhadas na solução desse problema, que virá revolucionar as comunicações sigilosas.¹⁴

É importante destacar que essa conferência foi proferida na ESG, um centro de treinamento e formação para militares. Conforme depoimentos de oficiais que integraram esse grupo, foi nesse ambiente onde se fundamentou o Golpe Militar de 1964 e as bases do Regime Militar. O general Carlos Meira Mattos - que no momento da conspiração de 1964 era coronel e comandava o 160º Batalhão de Caçadores, sediado em Cuiabá, posteriormente designado para subchefe do Gabinete Militar da presidência da República, chefiado pelo general Ernesto Geisel - salienta que a Escola Superior de Guerra “teve a ver, não com a Revolução em si, mas com o espírito revolucionário”.¹⁵ Conforme seus apontamentos, “desde que foi fundada a ESG começou a estudar de uma forma sistemática, de uma forma científica, esses anseios de renovação do Brasil, que foram anseios dos tenentes e depois vieram a ser os anseios da Revolução de 64”¹⁶.

¹³ SAMWAYS, Daniel Trevisan. Inimigos imaginários, sentimentos reais: medo e paranoia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970-1973). Curitiba: Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR, 2014, p. 45.

¹⁴ FIGUEIREDO, Lucas. O ministério do silêncio: a história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula 1927-2005. Apud. SAMWAYS, op. cit. 2014, p. 45.

¹⁵ D’ARAÚJO, Maria Celina (org.). Visões do Golpe: 12 depoimentos oficiais que articulam o golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (e-book), 2014, p. 1488.

¹⁶ Idem.

Dessa forma, a conferência sobre poderes parapsicológicos oferecida aos militares trazia à tona a possibilidade de uma nova arma a ser dominada. As palestras do Sr. Oriethy Bey, por sua vez, apresentavam a Teresina “conhecimentos sobre essa contravertida ciência.”¹⁷ No dia 27 de junho, na véspera da despedida do bruxo da capital piauiense, o jornal *O Estado* publicou um estridente desabafo de um jornalista que assinava como “J. L. Sobrinho”, em suas colocações o Sr. Bey teria sido injustiçado em sua passagem pela cidade.

Esta notável criatura que nos visita agora, é sobretudo humilde, muito embora saiba que é portador de extraordinárias faculdades paranormais. E como todos aqueles que sabem que nada sabem distribuem o que sabem sem parcimônia, fazendo questão de transmitir com honestidades e boa vontade, aquilo que Deus lhe confiou e que é fruto de uma fenomenologia por nós ainda ignorada, e que a Parapsicologia busca explicar, do mesmo modo que Jesus dizia existir a Verdade em tudo e em todos, e que o homem se recusou a aceitar.

Oriethy Bey não é nenhuma expressão literária, e erudito, que nos transmite o que ele aprende dos astros, e que nos faz lembrar do que disse o grande Rui Barbosa e que aqui transcrevemos: “Vulgar é ler, raro é refletir. O saber não está na ciência alheia que se observa, mas, principalmente, nas ideias próprias que se geram nos conhecimentos absorvidos”.

E por isso, a imprensa, rádio e televisão, não destacam seus méritos e conhecimentos, como sempre acontecem com aqueles que são precedidos de uma fama exclusiva da publicidade e intelectualizam as coisas do espírito.¹⁸

O texto de J. L. Sobrinho destaca a humildade do bruxo em transmitir seus conhecimentos à sociedade piauiense, situando como uma honra a oportunidade da sua presença em Teresina, observarmos também o lamento pelas críticas que atravessaram à sua passagem. Assim como os opositores de Bey apropriaram-se do discurso cristão para construir suas críticas, podemos observar que J. L. Sobrinho também busca fundamentos para sua argumentação em palavras do evangelho, conforme suas colocações Bey teria sido incompreendido da mesma forma que Jesus Cristo, destacando a recusa do homem em aceitar a “verdade” quando apresentado a ela, nesse contexto, Sobrinho murmura sobre a falta de crença de alguns piauienses ao ouvirem a palavra da parapsicologia.

Outro sujeito que saiu em defesa de Oriethy Bey na imprensa de Teresina foi o renomado advogado Luiz Gonzaga Soares Viana, em suas colocações o bacharel faz menções ao Código Penal para situar que as práticas do bruxo não se enquadram como o delito de

¹⁷ MÉDICOS e sacerdotes no curso do “Bruxo”. Teresina: *O Estado*, 26 jun. 1975, p. 2.

¹⁸ SOBRINHO, J. L. Parapsicologia maiúscula. Teresina: *O Estado*, 27 jun. 1975, p. 3.

“curandeirismo”. Através do posicionamento de Viana, publicado na página 5 do jornal *O Estado* no dia 25 de junho, nos é revelado um outro fato curioso: o sujeito hipnotizado na redação do jornal, quando o bruxo demonstrava seus poderes, foi o repórter J. Barros.

Luiz Gonzaga Soares Viana, um dos maiores e mais atuantes advogados de Teresina, além de ser respeitável professor da Universidade Federal do Piauí, declarou o seguinte.

- Não presenciei qualquer função levada a efeito pelo professor Oriethy Bey. Apenas tenho tomado conhecimento de sua atuação em Teresina pelo amplo comentário que, em torno de sua pessoa, se tem feito.

[...] – Durante a experiência a que se submeteu, na sede de “O ESTADO”, o repórter J. Barros, creio que o professor Bey não lhe tenha submetido a nenhum processo que possa identificar-se como a prática do curandeirismo. Aliás, pelo que li, a ação do Prof. submetendo-o a um estado de absoluta inércia, limitou-se ao campo meramente mental, não esboçando o agente qualquer toque, sugestão ou som, o que já desanima a configurar seu trabalho no âmbito do curandeirismo.¹⁹

E prosseguindo com citações do Código Penal, Viana destaca que não considerava Bey um curandeiro pois suas atividades não incluíam a ideia de um *tratamento* contínuo, conduta que tipificava esse delito e tornava indispensável a sua incidência.

O delito de curandeirismo está no capitulado no art. 284, do Cód. Penal assim expresso:

Art. 284. Exercer curandeirismo:

I – Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II – Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III – Fazendo diagnóstico.

Pena: detenção de seis meses a dois anos.

Parágrafo único: Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito a multa de mil cruzeiros a cinco mil cruzeiros.²⁰

Podemos observar que Luiz Gonzaga argumenta em defesa de Bey com interpretação levemente enviesada do Código Penal, tendo em vista as orientações do Ministério Público onde aponta-se que as sanções devem ser aplicadas a sujeitos que pratiquem qualquer um dos incisos, não necessariamente todos de forma simultânea. O curandeirismo é considerado uma modalidade do crime de exercício ilegal da medicina, no seu exercício o agente serve-se da credulidade ingênua, da ignorância e, sobretudo da superstição. Observa-se ainda que o crime

¹⁹ FAMOSO advogado defende o “bruxo”. Teresina: O Estado, 27 jun. 1975, p. 5.

²⁰ Idem.

pode acontecer em associação com o charlatanismo, tipificado no art. 283 do Código Penal, caracterizado pela fraude, engodo, indicando ou propagando a cura por meio secreto e infalível de qualquer doença.²¹

Levando em consideração a leitura fria da lei, a própria matéria que narra a chegada do bruxo a Teresina poderia ser utilizada como prova contra sua figura, no texto são narrados seus feitos miraculosos ao curar pessoas e oferecer tratamentos:

Foi com esses poderes que Bey curou uma muda (Eliane, estudante do Colégio Católico Sana Helena, Estado do Rio de Janeiro) há 4 anos atrás. Ele conta: “a moça teve um problema emocional e perdeu a capacidade de falar. Passou dois anos, aproximadamente sem voz. Foi a minha procura e dentro de um *tratamento* acurado, ela ficou completamente reestabelecida”. Outros casos fantásticos, de pessoas curadas pela dinâmica da hipnose foi o de uma moça parálitica e de um menino que dormia profundamente durante dois anos. “Este foi um trabalho bastante sério. Mas usei forças que jorram da parapsicologia e o menino acordou e hoje se encontra gozando de perfeita saúde em São Paulo. Bey diz que além desses casos, outros já passaram em suas mãos. Todos com completo sucesso de curas.²²

Conforme podemos observar, o próprio Oriethy Bey revela em seus depoimentos a sua capacidade de curar pessoas e sua disposição em orientar tratamentos como o realizado com a estudante fluminense, Eliane. Todavia, sua passagem por Teresina impressionava mais as pessoas pelo caráter pitoresco do que propriamente pelo aspecto delituoso. A presença de um bruxo na cidade causava curiosidade entre aqueles que tinham acesso à informação. Conforme narra Francisco Alcides do Nascimento, a cidade de Teresina dos anos 1970 ainda era marcada pelo clima pacato, as pessoas ainda tinham o hábito de sentar-se às portas para conversar sobre o dia vivido e as novidades que ocorriam na cidade, para estes “um fiapo do cotidiano” era o que bastava para reconstruir as relações do cotidiano e fazer refletir acerca de certos hábitos.²³

Nesse sentido, podemos imaginar que a passagem de Oriethy Bey pela cidade de Teresina teria transformado, pelo menos um pouco, a rotina desse espaço, sobretudo ao destacarmos que suas conferências aconteceram durante dias ordinários da semana, onde a vida noturna mostrava-se ainda mais acanhada que nos finais de semana. Conforme nos aponta o historiador

²¹ ENTENDA Direito: Curandeirismo e Charlatanismo. Ministério Público do Paraná, 2021. Disponível em <<https://mppr.mp.br/Noticia/Curandeirismo-e-Charlatanismo>> Acesso: 07/08/2023 às 08:50.

²² BRUXO que cura cegos e mudos encontra-se em Teresina. Teresina: O Estado, 22/23 jun. 1975, p. 6.

²³ NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cidade das letras. In: AVELINO, Yvone (org.). Cidades: representações, experiências e memórias. São Paulo: Olho d’ Água, 2017, p.12.

Alcides Nascimento, até mesmo pontos como as praças acabavam tornando-se apenas lugares de passagem em dias tidos como normais:

“A Pedro II, quase vazia, denunciava-me como um gato pingado, peso inerte. Noutra extremidade, beirando o teatro, cidadão respeitáveis batiam com a língua. Segunda-feira intragável.” A vida noturna de Teresina na década de 1970 era tida como acanhada, imagine-se isso numa segunda-feira, uma praça que deixa de ser uma sociabilidade para transforma-se em lugar de passagem, ocupada de bancas de revistas e de livros usados; as casas de cinema funcionando mal e porcamente, rodando filmes pornográficos, o teatro com a apresentação de uma peça ou *show* de quando em vez.²⁴

A passagem de Bey provocava então um rebuliço nesse cenário pacato do centro teresinense, primeiramente com o fluxo de transeuntes que se dirigiam ao Auditório Herbert Parente Fortes – cabe destacar que sobretudo membros da elite econômica – e em segundo ponto com o “bater de línguas” acerca da sua passagem. O bater com a língua para falar sobre o bruxo não tardou em converter-se no bater das teclas nas máquinas de escrever, onde sujeitos com espaço na imprensa local manifestaram seus pontos e contrapontos sobre esse sujeito inusitado.

Um dos últimos a adentrar nesse tópico foi o cartunista Gregório Magno Macedo, conhecido como Dodó, que durante a década de 1970 produzia charges no jornal *O Estado*. Caracterizado por um humor ácido, o então estudante de direito e funcionário do Banco do Brasil, não pôde deixar de produzir algo acerca dessa marcante passagem de um bruxo pela capital do Piauí.

²⁴ Ibidem.



Figura 2: Tirinha de Dodó Macedo publicada no jornal *O Estado*²⁵

A tirinha humorística de Dodó Macedo busca expor o capítulo final da novela acerca da passagem do bruxo por Teresina, na imagem publicada na edição referente aos dias 29/30 de junho – logo após o último dia de curso de Oriethy Bey –, é publicada uma sátira com o rosto do ilusionista através de uma técnica de bricolagem, isto é, uma foto colada em cima de um desenho produzido pelo artista Dodó.

Em aproximações com Certeau, entendemos o *bricoleur* como praticante que não é passivo, mas que fabrica a partir de tudo que consome. Para Mariana Resende e Cláudia França, entender essa proposição de Certeau nos leva “a possibilidade de produzir a partir dos objetos produzidos e descartados, assimilando-os, modificando-os e subvertendo-os por meio de práticas cotidianas e artísticas que os ressignificam em uma nova estrutura”.²⁶

Nesse sentido, observamos a sátira de Dodó como uma arte que não é “passividade”, todavia o texto não se dissocia do contexto, conforme destaca Certeau:

²⁵ MACEDO, Dodó. Humor. Teresina: O Estado, 29/30 jun. 1975, p. 6.

²⁶ CORRÊA, Mariana Resende. FRANÇA, Cláudia. A figura do bricoleur em práticas artísticas. Revista Visualidades, v. 12 n. 2, jul-dez 2014, p. 228.

Assemelha-se muito ao que foi feito com a teoria pelos poetas romances medievais: uma inovação infiltrada no texto e nos termos de uma tradição. Imbricados nas estratégias da modernidade (que identificam a criação como invenção de uma linguagem própria, cultural e científica), os procedimentos do consumo contemporâneo parecem constituir uma arte sutil de “locatários” bastante sensatos para insinuar as suas mil diferenças no texto que tem força de lei.²⁷

Dessa forma, ao voltarmos para o conteúdo da imagem produzida por Dodó Macedo poderemos observar a ênfase dada a dois procedimentos da parapsicologia: levitação e hipnose. Podemos observar um corpo vestido em um terno suspenso no ar com um balão ao seu lado, no balão observando repetidamente a letra “z”, a sequência dessas letras sugere um estado de sono profundo, muito embora o rosto colado no desenho esteja de olhos abertos. A vestimenta da pessoa que levita nos permite uma sutil observação, trata-se de uma referência ao público-alvo das palestras do bruxo, profissionais liberais, empresários, advogados e engravatados em geral que buscavam se afastar da sociedade geral através da vestimenta. O estado de hipnose em que a pessoa se encontra denota o fenômeno causado pela passagem do bruxo por Teresina, colocando em estado de deslumbramento alguns grupos da cidade.

A fascinação pela estadia de Oriethy Bey em terras piauienses ocupou as páginas do periódico *O Estado* por uma semana inteira. Apesar do caráter pitoresco dado a essa narrativa, não podemos ignorar o contexto histórico e o lugar de produção desse diário. O jornal foi fundado em março de 1969, por Venelouis Xavier Pereira e dirigido por Helder Feitosa Cavalcanti e, posteriormente, por Teresinha Belchior Cavalcanti. A edição ficava a cargo de Feitosa Costa, recebendo colaboração de nomes como Francisco Viana, Pedro Alcântara, Elvira Raulino, Climério Lima, Iracema Santos Rocha e Josias Clarence Carneiro da Silva.²⁸

O jornal era uma extensão do *Estado-CE*, fundado em 1936, por um grupo de políticos do Partido Social Democrata - PSD, tendo, em sua primeira fase, o deputado federal José Martins Rodrigues à sua frente. O jornal possuía caráter substancialmente partidário, alinhado ao PSD. Em 1963, o periódico seria adquirido por Venelouis Xavier Pereira, delegado civil, advogado e jornalista que prometia dar uma nova dinâmica ao jornal, “focado na publicação de notícias, análises, comentários e opiniões que primam pelo pluralismo e pelo apartidarismo,

²⁷ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994, p. 49.

²⁸ BASTOS, Cláudio. Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 119, p 304.

priorizando o interesse do leitor”.²⁹ O jornal possuía 10 páginas (salvo em edições comemorativas, quando a quantidade ampliava-se) e custava 1,00 cruzeiro, conforme informação disponível nas suas próprias páginas.

Conforme nosso levantamento historiográfico, o jornal e seus diretores construíram uma árdua conexão com as elites dirigentes de alguns estados, dentre eles o Piauí, como pode ser observado em trecho publicado no livro *“Intimorata: a saga do Jornal O Estado, de José Martins Rodrigues a Venelouis Xavier Pereira”*, fruto da árdua pesquisa desenvolvida por Luís Sérgio Ramos, onde foram levantados dados oficiais, hemerográficos e orais, como entrevistas com Marluce Férrer, esposa de Venelouis Xavier:

Os anos se passaram, ganhei muita experiência e chegou o momento decisivo em que eu iria fazer os contatos com os governantes, tanto no âmbito estadual como no municipal, para conseguirmos matérias pagas e “levantar” o que ele dizia ser nosso “jornal” — assumi o cargo de publicitária e Diretora Comercial do jornal. E levantamos! Quem trabalhava comigo durante o ano de 1975, até eu sair do jornal, foi minha irmã Marilde Férrer. A participação dela em nossos contatos de governo foi fundamental. Viajei várias vezes para algumas capitais do Nordeste como, por exemplo: Teresina, Recife e São Luiz, com grande sucesso. Sempre trazia autorização e material para publicarmos — tanto dos governos dos estados como dos prefeitos das capitais.

O dr. Alberto Silva, ex-governador do Piauí por dois mandatos, era muito nosso amigo e sempre publicava “Cadernos Especiais” no nosso *O Estado*, que sempre circulava nas Edições Especiais, em datas como 31 de março, aniversário do Jornal, Dia da Independência, Edição de Ano Novo etc. São as que mais lembro. Não conto as vezes em que nestas edições, nosso maquinário deixava a desejar e por conta disso, eu e ele, ajudávamos o pessoal da impressão em algumas coisas, inclusive até dobrar os exemplares, madrugada adentro.³⁰

Nesse enlace, podemos situar que o jornal *O Estado* aproximou-se daquilo que a historiadora Beatriz Kushnir classificou como “cães de guarda”, jornalistas que durante o Regime Militar acabaram praticando uma espécie de autocensura, ao não adentrar em temas sensíveis, noticiando apenas pautas que não alterassem o *status-quo* daquele contexto. Dessa forma, jornalistas que tiveram suas pautas influenciadas pelo governo tornavam-se tanto “colaboradores” e “vítimas” dessa conjuntura.

Permanecer no palco das decisões era mais importante que a busca e a

²⁹ SANTOS, Luís Sérgio. *Intimorata: a saga do Jornal O Estado, de José Martins Rodrigues a Venelouis Xavier Pereira*. Fortaleza: Omni Editora, 2016, p.16.

³⁰ *Ibidem*, p. 338.

publicação da verdade. Por isso esses **jornalistas colaboracionistas** são aqui vistos como *cães de guarda*. À soleira, montaram a guarda e fizeram autocensura no governo Médici, e mesmo antes dele, colaborando para construir e difundir uma imagem irreal, inverídica do país. E seguiram o fluxo quando o tabuleiro do poder mudou a disposição das peças.³¹

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem de Oseso Monteiro, o “super-bruxo”, por Teresina nos dá acesso a uma chave de leitura que pode abrir várias portas sobre o Piauí e o Brasil desse período. A sua chegada ao estado com subsídios do governo, suas palestras em auditório e a taxa cobrada para o acesso a esse ambiente nos leva a refletir sobre a desigualdade econômica desse local; a forma de acesso ao lazer ou a informação – dependendo de como se queira definir as palestras do ilusionista – mostra um caráter seletivo e afasta as camadas mais populares.

As narrativas acerca das atividades de Oriethy Bey também abrem diálogo para a ideia de religiosidade desse período, podemos pensar sobre a influência do catolicismo e da figura do Papa, sobretudo no Piauí onde a população era majoritariamente vinculada a essa doutrina da fé. Nesse sentido, observamos que os opositores e apoiadores do bruxo fizeram uso da linguagem do evangelho, tendo por objetivo defender diferentes pontos de vista acerca desse sujeito controverso.

As promessas de cura feitas por Bey abrem possibilidades de interpretação sobre a aplicação do Código Penal nesse período, as pautas de curandeirismo e charlatanismo foram amplamente discutidas nas páginas do jornal *O Estado*, todavia não observamos nenhuma menção de interferência do poder público acerca dessa situação, deixando o debate em aberto no meio civil.

Destacamos ainda a dimensão do humor, através da figura do cartunista Dodó Macedo, entendido nesse artigo como um *bricoleur*, um sujeito que produz arte através das suas apropriações e subjetivação do contexto no qual se insere. A crítica sutil e através do riso mostra-se uma tática dos praticantes cotidianos do tempo.

Por fim, a escrita jornalística sobre esse episódio nos permite pensar o espaço dos jornais, das suas redações e dos seus diretores. Através duma análise desse periódico e das suas

³¹ KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: Jornalistas e Censores do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 52.

pautas podemos o situar dentro ou fora de um projeto político em desenvolvimento pelo comando militar. Afinal, não é possível analisar um texto fora do seu contexto.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Cláudio. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico Piauí, VIII Recenseamento Geral, 1970. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/>>

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: longa duração. *Revista História*, vol. XXX, ano XVI, 1965.

BRUXO deve ser preso. Teresina: *O Estado*, 26 jun. 1975, p. 6.

BRUXO que cura cegos e mudos encontra-se em Teresina. Teresina: *O Estado*, 22/23 jun. 1975, p. 6.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

CORRÊA, Mariana Resende. FRANÇA, Cláudia. A figura do bricoleur em práticas artísticas. *Revista Visualidades*, v. 12 n. 2, jul-dez 2014.

D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). *Visões do Golpe: 12 depoimentos oficiais que articulam o golpe militar de 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (e-book), 2014.

DENTISTA radicaliza: bruxo deve ser preso. Teresina: *O Estado*, 26 jun. 1975, p. 1.

FAMOSO advogado defende o “bruxo”. Teresina: *O Estado*, 27 jun. 1975, p. 5. MACEDO, Dodó. Humor. Teresina: *O Estado*, 29/30 jun. 1975, p. 6

MÉDICOS e sacerdotes no curso do “Bruxo”. Teresina: *O Estado*, 26 jun. 1975, p. 2.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cidade das letras. In: AVELINO, Yvone (org.).

Cidades: representações, experiências e memórias. São Paulo: Olho d' Água, 2017.

SANTOS, Luís Sérgio. *Intimorata: a saga do Jornal O Estado*, de José Martins Rodrigues a Venelouis Xavier Pereira. Fortaleza: Omni Editora, 2016.

SOBRINHO, J. L. Parapsicologia maiúscula. Teresina: *O Estado*, 27 jun. 1975, p. 3.

Mesa Coordenada 11

HISTÓRIA, IMPRENSA E SOCIEDADE: entre práticas e representações

A PAUTA JORNALÍSTICA SOBRE A ENERGIA ELÉTRICA NO JORNAL A LUTA (CAMPO MAIOR- PIAUÍ, DÉCADAS DE 1960 E 1970)

[10.51205/sinespp.2024.mesa.artigo037](https://doi.org/10.51205/sinespp.2024.mesa.artigo037)

THE JOURNALISTIC AGENDA ON ELECTRICITY IN THE NEWSPAPER A LUTA (CAMPO MAIOR- PIAUÍ, 1960S AND 1970S)

Antonio Jeferson de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a urbanização de Campo Maior a partir das colunas de opinião, matérias jornalísticas e propagandas, do jornal A Luta, que abordam o cotidiano na cidade. No decorrer deste artigo, questionamos em que medida a ênfase dada à energia elétrica, bem como o apelo das propagandas para o consumo das novidades do mercado, estavam relacionados com a urbanização, e como isso repercutiu na cidade de Campo Maior, tendo o periódico como espaço privilegiado para tais discussões. Nesse sentido, podemos compreender como as matérias jornalísticas do A Luta mostravam, de maneira enfática, as medidas que deveriam ser tomadas para solucionar o problema de energia elétrica. Dessa forma, considerava-se inadequado que uma cidade que se queria moderna ainda ficasse na escuridão, ou que os cidadãos não pudessem usufruir das novidades tecnológicas, que necessitavam da energia elétrica para seu funcionamento.

Palavras-chave: História. Cidade. Imprensa. Campo Maior (PI)

ABSTRACT

The aim of this article is to analyse the urbanization of Campo Maior based on the opinion columns, newspaper articles and advertisements in the newspaper A Luta, which deal with daily life in the city. Throughout this article, we question the extent to which the emphasis on electricity, as well as the appeal of advertisements for the consumption of market novelties, were related to urbanization, and how

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista Capes. E-mail: antoniojefersonsousa5@gmail.com.

this had repercussions in the city of Campo Maior, with the newspaper as a privileged space for such discussions. In this sense, we can understand how the articles in *A Luta* emphatically showed the measures that should be taken to solve the electricity problem. In this way, it was considered inappropriate for a city that wanted to be modern to still be in darkness, or for city dwellers not to be able to take advantage of technological innovations that required electricity to function.

Keywords: History. City. Press. Campo Maior (PI)

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar a urbanização de Campo Maior a partir das colunas de opinião, matérias jornalísticas e propagandas, do jornal *A Luta*, que abordam o cotidiano na cidade. No decorrer deste artigo, questionamos em que medida a ênfase dada à energia elétrica, bem como o apelo das propagandas para o consumo das novidades do mercado, estavam relacionados com a urbanização, e como isso repercutiu na cidade de Campo Maior, tendo o periódico como espaço privilegiado para tais discussões.

Tendo isso em vista, observamos como a energia elétrica se tornou pauta de inúmeras reportagens do *A Luta*, que buscavam a regularização desse serviço. No período em análise, a cidade ainda possuía horários limitados, sendo privilegiado o período noturno. O consumo de aparelhos de TV e geladeiras, dentre outros produtos, eram anunciados nas propagandas. Isso possibilitou entender como se davam as sociabilidades, que requisitavam a oferta regular de energia e um sinal de televisão de qualidade.

2 A PAUTA SOBRE A ENERGIA ELÉTRICA NAS PÁGINAS DO JORNAL A LUTA

No estado do Piauí, entre as décadas de 1960 e 1970, podemos observar a expansão do serviço de energia elétrica para vários municípios. Conforme a pesquisa de Cláudia Fontineles, em 1966 foi aprovado o primeiro plano de eletrificação do Piauí. A expansão para outros municípios se deu entre 1967 e 1968, quando foi “[...] implantada a primeira unidade térmica no município de Floriano e passaram a funcionar redes de distribuição nesse município, bem como em Altos, Campo Maior e Picos” (Fontineles, 2015, p. 279). Durante o governo de Alberto Silva, na década de 1970, foi intensificado o fornecimento de energia elétrica para o Estado do Piauí, “[...] depois da incorporação em seu capital social dos acervos

da Companhia Luz e Força, de Parnaíba, e da Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste” (Fontineles, 2015, p. 279).

Em Campo Maior, durante a administração de Raimundo Nonato Andrade (1967 a 1971), foram inauguradas as instalações da rede elétrica da empresa Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA) (Lima, 1995, p. 152). Anterior a isso, o fornecimento se dava através do sistema de energia “[...] composto por geradores movidos a óleo diesel” (Jesus, 2018, p. 52).

Contudo, a inauguração das instalações elétricas da CEPISA não significou que não existissem problemas de energia elétrica na cidade. Nas fontes consultadas, notamos inúmeros problemas causados pela falta de energia na cidade, principalmente no que diz respeito à iluminação pública e ao consumo de produtos que dependiam da energia elétrica para seu funcionamento.

A edição do dia 7 de novembro de 1970 mostra uma reportagem² com os esclarecimentos do diretor técnico da CEPISA sobre os motivos que favoreciam a falta de energia elétrica:

Para melhor esclarecer ao consumidor campomaiorense, esteve quinta-feira desta semana o diretor de A LUTA Dílson Trindade com o Dr. Edmar Rocha, diretor-técnico da CEPISA. O problema de iluminação desta cidade está sendo olhado com muito carinho pela direção da CEPISA. O que está acontecendo é que os quatro motores disponíveis estão super carregados; a capacidade dos motores é de 600 Kva, isto para motores novos, sendo que os fabricantes pedem que seja dada uma margem de 10% na carga, haja vista que com este desconto a capacidade dos motores fica reduzida a 500 Kva. O que está acontecendo é uma demanda acima do possível, pois no mês passado a energia consumida por nós foi de 590 Kva; logicamente com esse esforço das máquinas que não são novas apresentam vários problemas; entre eles o mais comum é o da bomba injetora. Aquêlê diretor da emprêsa mostrou-se muito empolgado com a capacidade do consumo de energia de Campo Maior, e pensa, inclusive, de transferir um motor existente em Oeiras, que, a partir de 30 do corrente, passará a ser beneficiada pela COHEBE e dependendo do tempo que levará para que aquêlê núcelo ligue Campo Maior, o citado motor poderá ou não ser transferido (CEPISA...*A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 nov. 1970).

A matéria mostra que o principal problema da falta de energia elétrica na cidade seria o aumento do consumo que causava o aquecimento dos motores. Nesse caso, os motores que estavam em funcionamento já não condiziam com a demanda por energia elétrica, sendo necessário outro motor. No final da matéria, o diretor da CEPISA se mostra esperançoso com a energia elétrica que seria gerada na Barragem de Boa Esperança, ao afirmar que “[...] se torna cada dia mais próxima da realidade” (CEPISA...*A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 nov. 1970). Mais

² Preservamos, na presente pesquisa, a ortografia original dos textos do jornal A Luta.

que isso, o trecho analisado sinaliza que, naquele momento, a energia elétrica se tornava palco das matérias jornalísticas do periódico e como isso correspondia às expectativas em torno das transformações promovidas por esse serviço. A pesquisadora Cláudia Fontineles, ao estudar o contexto da cidade de Teresina, afirma que “segundo o que era relatado nos meios de comunicação da época, o progresso agora era transportado em fios de alta tensão e prometia avançar cada vez mais por todo o Estado, embora seus principais brilhos se manifestassem na capital, irradiando-a com sua luz” (Fontineles, 2015, p. 279).

O jornal *A Luta* buscava mostrar os problemas enfrentados pela população, trazendo informações sobre as soluções que seriam realizadas em torno da falta de energia elétrica no município. Além das matérias, as diversas colunas de opinião do jornal mostravam a percepção dos leitores sobre esses problemas. Nesse período, destacam-se as colunas “O povo reclama” e “Problemas que clamam soluções”, dedicadas especialmente às denúncias feitas pela população sobre diversos problemas na cidade.

Nesse sentido, podemos compreender como as matérias jornalísticas do *A Luta* mostravam, de maneira enfática, as medidas que deveriam ser tomadas para solucionar o problema de energia elétrica. Dessa forma, considerava-se inadequado que uma cidade que se queria moderna ainda ficasse na escuridão, ou que os cidadãos não pudessem usufruir das novidades tecnológicas, que necessitavam da energia elétrica para seu funcionamento.

A partir das matérias analisadas no periódico, percebemos como a iluminação ganhou dimensão no cotidiano da cidade, tornando-se, assim, um elemento de grande importância. Uma matéria do dia 9 de março de 1969 narra cenas do cotidiano marcado pela falta de iluminação nas ruas:

Ainda anteontem a tenebrosa escuridão voltou a incomodar o campomaioense, tendo, entre outras, as seguintes consequências: Atraso na impressão de duas páginas de *A Luta*. Na avenida José Paulino um ciclista atropelou um cachorro, que, no mínimo com duas costelas partidas, saiu correndo aos uivos, enquanto o môço da bibicleta sem farol levava um tombo que lhe custou o nariz quebrado e arranhões num cotovelo. Num trecho particularmente escuro da rua senador José Euzébio, um bovino de côr, dono e sexo ignorados esbarrou num transeunte que, felizmente, só levou o susto. O novilho (ou novilha) nada sofreu. Nos pés de muro campeou a pouca vergonha, para desespero das dignas famílias que sabiam (ou adivinhavam) o que estava acontecendo e nada podiam fazer. Perto do mercado, uma velha queimou duas caixas de fósforos até encontrar sua dentadura, que lhe caíra da boca quando ela – a velha – escorregou numa casca de melancia que não vira por causa da escuridão (Escuridão... *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 9 mar. 1969).

A matéria se diferencia das outras analisadas, visto que os exemplos abordados no texto

exploram o humor do leitor, e possivelmente tinha o intuito de causar a indignação em torno de problemas que não deveriam existir na cidade. O texto objetiva provocar no leitor risos e descontentamento com fatos vivenciados pelas pessoas descritas na matéria. Esse texto possui características do jornalismo das sensações ou sensacionalista, que a pesquisadora Marialva Barbosa caracteriza como “[...] um tipo de notícia que apela às sensações, que provoca emoção, que indica uma relação de proximidade com o fato, reconstruído exatamente a partir dessa memória de sensações” (Barbosa, 2007, p. 214).

Ademais, textos mostrando a importância da iluminação pública nas ruas e avenidas da cidade são bastante recorrentes no jornal, principalmente alertando para os perigos das ruas escuras, como o exemplo a seguir:

Este Jornal já, por uma vez, em uma de suas edições anteriores, fêz reclamação da permanência, sem utilidade, dos pés metálicos onde se assentavam os coletores de lixo, em um atentado aos pés dos transeutes. Não fomos atendidos, e houve quem sofresse as consequências. Agora nos dirigimos à autoridade municipal, solicitando-lhe que sejam retirados os restos imprestáveis dos bancos que já foram tão confortáveis, do passeio da Av. Dermeval Lobão. Tivemos notícia de que uma senhora foi vítima de um dêles, em meio à assombrosa escuridão reinante nas vias públicas. A senhora ficou de tal forma contundida, que, a custo, um prestimoso cidadão a soergueu. Omitimo-lhes os nomes porque não estamos autorizados a mencioná-los. Urge que sejam retirados aqueles restos de banco, ou, o que seria melhor, substituídos, para, aproveitando a ocasião, vermos se os campomaiorenses descuidados os quebrariam de novo. Desta vez, esperamos ser ouvidos e atendidos (A respeito A Luta. Campo Maior, s/p, 16 jan. 1971).

O trecho da matéria, veiculada no jornal no dia 16 de janeiro de 1971, relata a situação dos bancos quebrados da avenida Demerval Lobão, que, sem utilidade, apenas provocavam acidentes durante as noites. Novamente, podemos observar a associação do medo com a ausência de iluminação nas ruas e avenidas, em que a cidade era representada como “assombrosa”.

Na edição do dia 3 de março de 1971, foi publicada uma matéria que exemplificava os benefícios da iluminação das ruas e avenidas da cidade:

Desde o dia 1º de abril voltou a regularizar-se a iluminação pública da cidade. Segundo o chefe do escritório da empresa concessionária, José Júlio Matos, a normatização veio com um motor que acaba de ser trazido de Teresina, para onde fôra levado daqui a fim de que fôsse consertado. Com a ausência do aludido motor, três motores estiveram em funcionamento, e êstes não suportavam todo o consumo de energia elétrica. A luz nas vias públicas traz tantos benefícios, sobretudo às jovens que estudam no turno da noite. A Cepisa, porém, deve, ainda, proceder à verificação dos postes, para saber quais não têm lâmpadas, pois há vários trechos da cidade que continuam às escuras (A respeito A Luta. Campo Maior, s/p, 16 jan. 1971).

O trecho sinaliza para a importância atribuída à iluminação pública como uma maneira de garantir a segurança dos jovens que estudavam no período noturno. Nesse sentido, a reclamação se direciona para a CEPISA, uma vez que deveria ocorrer a verificação das lâmpadas dos postes que apresentavam defeito e, com isso, provocava a escuridão das ruas.

O pesquisador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, ao estudar a cidade de Fortaleza no período de 1945 a 1965, ressalta que “[...] era notavelmente duradoura a associação entre a noite e a criminalidade e, em tempos mais recentes, o elo entre falta de luz e atraso urbano, renovando aflições que perturbavam tanto a existência presente quanto as aspirações dirigidas ao futuro” (Silva Filho, 2015, p. 31). Percebemos esse aspecto em Campo Maior, pois, através das matérias jornalísticas analisadas no presente estudo, a vida noturna se tornava uma preocupação constante, principalmente referente aos perigos causados pela escuridão e como um fornecimento regular de energia elétrica poderia proporcionar conforto para a população.

Os horários de funcionamento da energia elétrica eram preferencialmente durante o período noturno, como sinalizam as matérias publicadas no periódico. Contudo, podemos perceber que existia a preocupação de mudar o horário de funcionamento. Em 1971, o prefeito Jaime da Paz levou para o escritório da empresa CEPISA, localizada na capital Teresina, a proposta de uma nova tabela de horário da energia elétrica. Sobre isso, o *A Luta* informava que:

O prefeito Jaime da Paz manteve entendimento com o escritório local da Cepisa, no sentido de mudar o horário noturno do fornecimento de energia elétrica. De acordo com a nova tabela, a luz chegaria mais cedo, às 17:30 horas, embora fôsse até as 23:30 horas. Esse horário seria obedecido pela Cepisa a partir de 2ª feira última (Há novo... *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 3 mar. 1971).

É possível notar que o novo horário não trazia muitas modificações, sendo ainda restrito ao período noturno. Além disso, os problemas de falta de energia não foram resolvidos. Na edição do dia 17 de outubro de 1970, o chefe do escritório da CEPISA na cidade de Campo Maior, José Júlio Matos, foi procurado pela reportagem do *A Luta* para falar sobre a falta de energia, porém, preferiu não se pronunciar. Sem conseguir as informações, a equipe de reportagem relatou os problemas enfrentados pela população e pedia esclarecimentos à CEPISA:

Há dias vem faltando a iluminação pública da cidade. A reportagem de A LUTA dirigiu-se à usina local procurando saber a razão disso. Apavorados, os eletricitistas nada disseram. Alegaram apenas um defeito existente numa bomba injetora, que impossibilita o funcionamento de um dos motores e, em consequência o racionamento de energia com o desligamento das rês das ruas. E disseram-nos que o único com possibilidades de nos dar melhores detalhes seria o sr. José Júlio Matos – chefe do escritório da Cepisa nesta cidade. Fomos a êle. Enervou-se mais que os anteriores. Temeroso de sofrer a mesma punição (suspensão de 15 dias no serviço) de que foi passivo um colega por haver fornecido informações à imprensa, não nos deu qualquer resposta. Agora, sim, chegou o momento de um esclarecimento. O povo não mais se conforma com a situação. As ruas e as praças escuras; nas residências, de quando em vez, a luz falta, e aos domingos ela não diz presente em nossos lares. Afinal de contas, não somente a indústria, mas as famílias também pagam a taxa mensal, inclusive, os excessos, para gozar do progresso científico, como são os aparelhos elétricos. A espera pela energia é em vão, têm o direito de reclamar. A empresa é rica e, portanto, são inexplicáveis as falhas, o que não é mais admitido pelo povo. Supondo-se senhora de tudo, a Cepisa ainda nega a prestar esclarecimentos. Cuidado, senhores, com a cousa pública. E, a nosso ver, a Cepisa é isto. Saibam, ainda, que não fazem favores a ninguém; a população paga-lhes o serviço, e muito bem (A CEPISA... A Luta. Campo Maior, p. 1, 17 out. 1970).

Figura 1: Matéria do jornal A Luta



Fonte: A CEPISA deve explicações. A Luta. Campo Maior, p. 1, 17 out. 1970.

Mais uma vez, as matérias jornalísticas do periódico voltam as atenções para o cotidiano daqueles que possuíam ligação com a rede elétrica, mas por causa das constantes faltas, impossibilitava a iluminação nas residências e o uso de aparelhos elétricos. Contudo, o trecho

também sinaliza para os conflitos existentes em relação aos esclarecimentos sobre a regularidade do serviço, por meio do qual podemos perceber o temor do diretor do escritório em ter que prestar qualquer informação à imprensa, e como isso poderia causar a suspensão do funcionário.

É importante ressaltar que, mesmo com a ampliação do serviço de energia elétrica nas décadas de 1960 e 1970, a lamparina ainda era usada nas residências, como informam os estudos sobre a urbanização de Campo Maior. O historiador Celson Chaves informa que “a velha e boa lamparina permaneceria por muito tempo ainda como acessório doméstico indispensável nas inúmeras choupanas e casas locais” (Chaves, 2014, p. 39-40). Isso também ocorria devido ao horário de fornecimento da energia, pois após as 23:00 “[...] apagavam-se as luzes e as pessoas usavam lampião a gás ou lamparinas [...]” (Jesus, 2018, p. 43).

Outro aspecto que conferia a importância da energia elétrica se refere às sociabilidades. Na edição do dia 27 de fevereiro de 1971, era relatado, na coluna “Nossa Integração”, editada pelo estudante Ernâni Napoleão, que a falta de energia influenciou no carnaval daquele ano:

Continua insolúvel o problema de energia elétrica em Campo Maior. Durante o carnaval, por exemplo, a CEPISA nos negou, absurdamente, a energia diurna, que causou um descontentamento geral à população, havendo, inclusive, atingido o abastecimento d'água. E enquanto cidades irmãs super iluminaram as avenidas, Campo Maior, para profundo desgosto dos seus filhos, esteve entregue à escuridão total de seus logradouros. Mas não foi somente durante o carnaval; a caligem é total nas vias públicas, e agora com o inverno a gravidade duplicou. E as autoridades não buscam uma solução para isto. Chamamos a atenção do Prefeito Jaime da Paz para que ele, interessado em dar melhores condições de vida aos campomaiorenses, vá à direção da CEPISA, em Teresina, reivindicar à empresa mais luz para a nossa cidade, porque o que ocorre é já um abuso, e não temos mais paciência para esperar por um futuro mais distante (Nossa... *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 27 fev. 1971).

O trecho mostra que festividades na cidade durante os períodos diurno e noturno dependiam da energia elétrica para sua realização. Ao comparar Campo Maior com outras cidades, o autor mostra como a urbanização estava acontecendo em ritmo diferenciado, isto porque é feita uma comparação em relação a outras cidades que possuíam iluminação nas avenidas, diferente de Campo Maior, cuja falta de iluminação era uma constante.

3 CONCLUSÃO

Ao analisar as matérias do *A Luta* podemos afirmar que os serviços de infraestrutura

urbana transformam o dia a dia das pessoas, prometendo uma vida mais tranquila. Notamos, nos textos analisados, que a energia elétrica trazia a promessa de segurança durante as noites e mudanças na vida doméstica, através do uso de novas tecnologias.

É importante destacar que, diferentemente de outras cidades, Campo Maior possuía suas especificidades, uma vez que, no recorte analisado, a energia elétrica apresentava problemas no seu funcionamento, causando descontentamento e sendo pauta das matérias jornalísticas. . Isso também teve repercussão no cotidiano da cidade, visto que a energia elétrica era fundamental para as sociabilidades diurnas e noturnas.

REFERÊNCIAS

A CEPISA deve explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 17 out. 1970.

A RESPEITO de alguns bancos quebrados. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 16 jan. 1971. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. CEPISA dá explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 nov. 1970.

CHAVES, Celson. *Rua Santo Antônio*. Campo Maior: EDUFPI, 2014.

ESCURIDÃO provoca acidentes em Campo Maior. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 9 mar. 1969.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

HÁ NÔVO horário da energia. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 3 mar. 1971.

JESUS, Pauliana Maria de. *Reflexões sobre a modernização de Campo Maior entre 1930 e 1970*. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995.

NOSSA Integração. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 27 fev. 1971

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Técnica e Cultura material na cidade de Fortaleza (1945-1965). *Projeto História*, São Paulo, v. 40, p. 293-317, jun. 2010.

Mesa Coordenada 11

HISTÓRIA, IMPRENSA E SOCIEDADE: entre práticas e representações

NOS CAMINHOS DA LITERATURA: Geração CLIP e as novas gerações literárias piauienses

[10.51205/sinespp.2024.mesa.artigo038](https://doi.org/10.51205/sinespp.2024.mesa.artigo038)

ON THE PATHS OF LITERATURE: Geração CLIP and the new literary generations in Piauí

Natália Ferreira de Sousa¹

RESUMO

O presente estudo investiga o contexto histórico e literário no qual Herculano Moraes atuou, dando enfoque no final dos anos 1960 e nos anos 1970, onde emergiu, dentro da intelectualidade piauiense, uma intensa vontade de modificar o cenário cultural do estado. Seguindo este desejo, foi nesse período que se deu o surgimento e firmação do movimento literário CLIP (Círculo Literário Piauiense), no qual Herculano esteve envolvido desde sua fundação, sendo um de seus fundadores e principais divulgadores.

Palavras-chave: Literatura. Literatura Piauiense. Movimento literário.

ABSTRACT

The present study investigates the historical and literary context in which Herculano Moraes worked, focusing on the late 1960s and 1970s, where an intense desire to modify the state's cultural scenario emerged within the Piauí intelligentsia. Following this desire, it was during this period that the literary movement CLIP (Círculo Literário Piauiense) emerged and became established, in which Herculano was involved since its foundation, being one of its founders and main promoters.

Keywords: Literature. Literature of Piauí. Literary movement.

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí. E-mail: natalia08ferreira@hotmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1058638401085674>.

1 INTRODUÇÃO

O desejo por mudança está ligado à insatisfação com o modo como se vive. E desse desejo nasce à vontade de mudar a realidade a qual a pessoa se encontra imersa, algumas vezes alcançadas, outras não. No universo literário, a medida em que novas ideias e novos modos de escrita vão surgindo, busca-se modificar o cenário anterior para fazer com que os novos modelos possam exercer suas aspirações e influências. Isso pode ser visto nas diversas escolas, movimentos e gerações literárias que surgiram, sendo, no Piauí, um dos exemplos a fundação do CLIP - Círculo Literário Piauiense – em 1967.

Seus fundadores, inconformados com a estagnação que assolava o cenário cultural local, procuraram fundar um movimento que os pusesse em contato não só com os novos autores locais que estavam surgindo, mas também com novas formas artísticas nacionais que despontavam no momento. Isso pode ser percebido através da variedade cultural que se reuniu em seu ato inaugural, pessoas das mais diferentes áreas, como teatrólogos, jornalistas, escritores, cronistas, dentre outros. Nas palavras de Francisco Miguel de Moura, um dos participantes do CLIP e um de seus fundadores, este movimento, não se pode deixar de perceber este como um movimento devido as inúmeras contribuições que realizou na cultura do estado. Seu tempo físico de existência foi curto, mas bastou para movimentar uma cena cultural carente de projetos.

É inconcebível verdadeira e historicamente que se diga que o “CLIP” não existiu como movimento literário. Apenas no tempo em que se reuniu oficialmente – um ano – no Teatro de Arena, fizemos lançamento de livros, realizamos peças teatrais, recital de poemas e as reuniões de todos os domingos, onde discutíamos o rumo de nossa cultura, de nossa arte. Além disto, cada qual por seu meio, antes e depois da existência oficial mencionada, fazia programas de rádio (naquele tempo aqui ainda não existia canal de tevê), escrevia nos jornais, estava presente a todos os lançamentos, todas as festas da cultura, das artes e das letras. E líamos muito, e estudávamos muito, e tomávamos conhecimento, através dos jornais, do que se passava no Rio e São Paulo, havendo, é claro, uma certa identificação de nossa parte com essas informações que recebíamos. Integrantes do movimento, extraoficialmente, como Gregório de Moraes, de vez em quando vinha do Rio visitar a terra, e então fazíamos reuniões sempre proveitosas. (MOURA,2010)

E não só como movimento literário, é importante perceber o CLIP também como uma geração, como define Sirinelli, colocando que, “Em vez de ser a espuma de uma vaga formada

pelas estruturas socioeconômicas, este também pode ser gerador de estruturas: por exemplo, as gerações criadas ou modeladas por um acontecimento inaugurador” (SIRINELLI, 2006). Claudia Alves, em explicação ao conceito de geração de Sirinelli, diz que:

Toda geração é constituída de cortes decorrentes das mais diferentes fraturas que compõem o momento social: fraturas de classes sociais; de pertencimentos regionais; de faixas de escolarização; de identificações ideológicas; de práticas culturais etc. Por esse motivo, é necessário conjugar uma visão de conjunto à determinação de agrupamentos que guardam distinções, mesmo que se encontrem aparentemente irmanados em um fenômeno geracional. Tais distinções trazem indícios capazes de informar sobre motivações diversas na ação política de um grupo aparentemente homogêneo, mas que porta memórias coletivas distintas. (ALVES, 2019)

Nesse entendimento, toma-se o CLIP por geração pela multiplicidade de fazeres culturais as quais se reuniram dentro dele, pelas suas ideias diversas e pelos modos como enxergavam a cultura em diversidade. A ideia de Sirinelli seria a de uma geração com diferentes aspectos, pensamentos e noções sobre a sua importância em seu momento de atuação. As memórias podem variar de acordo com o que cada participante quer destacar de como foi organizada o movimento ou geração e isso não perturba a leitura do momento histórico a qual está inserido o CLIP, antes reforça a relevância alcançada por este.

O CLIP assim se articulava entre movimento e geração devido a essa mistura de saberes e pessoas que se encontravam dentro de sua formação, que ele agregava e influenciava. Era um movimento múltiplo, diversificado, heterogêneo, sua influência pode ser sentida através da escrita e ações de seus participantes, como depois de sua fundação, inspirou a criação da UBE-PI (União Brasileira dos Escritores- secção Piauí) e a criação da Secretaria de Cultura, os dois inaugurados anos depois do CLIP, em 1973, com alguns meses de diferença entre ambos.

2 DESENVOLVIMENTO

Contudo, antes de se apresentar o intelectual fio condutor deste estudo e bem como seus contrêneos, se torna necessário uma apresentação do contexto literário, político e social ao qual estes estavam imersos no período de consolidação do CLIP. E o momento vivido era o de estagnação literária, já que a geração Meridiano, geração anterior a CLIP, estava parada, ou

tinha acabado, já que seus fundadores e principais participantes, O. G. Rego de Carvalho², H. Dobal³ e Manoel Paulo Nunes⁴ haviam se mudado do estado.

A Academia Piauiense de Letras – cuja sigla APL será usada para identificação da entidade na pesquisa - também se encontrava parada, sem promover novas formas de escrita. Em seu tempo, a Geração Meridiano, ou Geração de 1945, atuou bastante no sentido de promover mudanças no estilo de escrita adotado no Piauí daquele momento, que ainda era o estilo de escrita dos fundadores da APL, como Clodoaldo Freitas⁵ e Higino Cunha⁶, autores cujas obras são do final do século XIX e do início do século XX. Novamente em palavras de Francisco Miguel de Moura, se sentia, no Piauí, falta do fazer literário, desde sua escrita até sua editoração, pois não se encontrava no estado seus principais colaboradores:

Poucas pessoas trabalhavam na área, mas isoladamente. Literatura parecia uma atividade distante, já no passado. A turma-núcleo do movimento meridiano debandou. Paulo Nunes, H. Dobal e O. G. Rego de Carvalho estavam no Rio, em Brasília ou no exterior. O Piauí se ressentia também da ausência do grande editor e divulgador de nossa terra e da nossa gente, tanto em literatura quanto em economia e história, Raimundo Santana, primeiro nos Estados Unidos depois em Brasília, como professor da UNB. Existia a Academia Piauiense de Letras, nas mãos do velho Des. Simplício de Sousa Mendes, a qual, na crítica de O. G. Rego de Carvalho, se tornara simplesmente uma “Academia de desembargadores”. (MOURA,2013)

² O. G. Rego de Carvalho foi um escritor piauiense, natural de Oeiras, Piauí, nascido no dia 25 de janeiro de 1930 e vindo a falecer em 09 de novembro de 2013. Pertenceu a Academia Piauiense de Letras, ocupando nela a cadeira de número 06 nesta instituição. Junto com Manoel Paulo Nunes e H. Dobal criou a Caderno de Letras Meridiano, que, apesar da pouca tiragem, somente três edições, tornou-se tão importante, que deu nome à sua geração, Meridiano. É autor dos romances *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Somos Todos Inocentes* (1971) e *Rio Subterrâneo* (1967).

³ Himdemburgo Dobal Teixeira (1927-2008): o poeta ocupou a Cadeira 10 da Academia Piauiense de Letras. Publicou *O Tempo Conseqüente* (1966) e *O Dia Sem Presságios* (1970). Cf.: ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. Dobal, o poeta ecumênico, silenciava há 13 anos. Teresina, 25 maio 2021.

⁴ Manoel Paulo Nunes: intelectual piauiense, nasceu em Regeneração em 11 de outubro de 1925 e faleceu em Teresina, em 14 de outubro de 2021. Foi presidente da Academia Piauiense de Letras, onde ocupa a Cadeira 38. Escreveu diversos livros, dentre eles *A geração perdida* (1979) e *Solidões justapostas* (1994). Cf.: BEZERRA, Roger. Manoel Paulo Nunes. Academia Piauiense de Letras. Teresina, 21 mar. 2018. Disponível em: <www.academiapiaiensedeletas.org.br/manoel-paulo-nunes/> . Acesso em: 4 jul. 2021.

⁵ Clodoaldo Severo Conrado de Freitas foi um intelectual piauiense, tendo nascido em 07 de setembro de 1855, em Oeiras, Piauí, vindo a falecer em 29 de junho de 1924. Formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito de Recife, como diversos jovens de sua geração faziam. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, que foi fundada em 30 de dezembro de 1917, no Salão do Conselho Municipal de Teresina, Piauí. Alguns de seus livros são: *Fatores do Coelhado* (1892), *Vultos Piauienses* (1903), *Em roda dos fatos* (1911) e *História de Teresina* (1912).

⁶ Higino Cícero da Cunha foi um intelectual piauiense, que nasceu em São José das Cajazeiras, hoje Timon, no Maranhão e veio a falecer no dia 16 de novembro de 1943, em Teresina, Piauí. Assim como seu conterrâneo e amigo, Higino Cunha formou-se em Direito na Faculdade de Direito, no Recife e é um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. São seus os livros: *Memórias: Traços biográficos* (1940), *História das religiões no Piauí* (1924) e *Os revolucionários do Sul* (1926).

Com isso, surgiu o interesse em movimentar o cenário literário local, de unir novas formas de escritas e assim explorar o potencial de novos jovens literários que estavam surgindo no final dos anos sessenta. E assim, em 02 de abril de 1967, foi fundado o CLIP, Círculo Literário Piauiense, que depois viria a se firmar como Geração literária, dentro do Piauí. Sua cerimônia ocorreu em 09 de abril de 1967, no teatro de Arena, que fica localizado dentro da praça Marechal Deodoro da Fonseca, mais conhecida como praça da bandeira, no centro da capital do estado, Teresina.

O espaço para a realização da cerimônia foi cedido pelo então prefeito da capital Joffre do Rego Castelo Branco, que governou a cidade dos anos 1967 até 1969, e que estava presente na cerimônia. Esta ação mereceu destaque na primeira página do Jornal do CLIP, jornal que só teve um exemplar, mas serve como marco da oficialização da existência do movimento e também como modelo para ilustrar a vontade de seus participantes de divulgarem a notícia sobre o novo movimento cultural que estava ocorrendo na cidade de Teresina.



Figura 01: Jornal do CLIP. Fonte: REVISTA CIRANDINHA: "CLIP" – ANOS 60 - LITERATURA DO PIAUI (cirandinhapiaui.blogspot.com)

O jornal destaca também a posse e composição da diretoria do movimento, sendo alguns destes Herculano Moraes como presidente, Osvaldo Lemos como vice-presidente, Hardi Filho como secretário e Francisco Miguel de Moura como tesoureiro. Os outros fundadores do movimento também estavam presentes no local, Tarciso Prado, Wagner Lemos, Benoni Alencar, Geraldo Borges, dentre outros.

Hardi Filho foi um poeta, jornalista e ensaísta cearense, que nasceu na capital do Ceará, Fortaleza, em 05 de julho de 1934, vindo a falecer em Teresina, Piauí, no dia 26 de março de 2015. Membro da Academia Piauiense de Letras, ocupou a cadeira de número 21, onde chegou a ocupar o cargo de tesoureiro da instituição. Teve uma profícua vida literária, publicando, antes do CLIP, *Cinzas e Orvalhos*, em 1964 e, depois da fundação, *Gruta Iluminada*, em 1970, *Teoria do Simples*, em 1986, *Suicídio do Tempo*, em 1991, dentre outros. Participante ativo do movimento, em cerimônia de abertura do CLIP, declamou alguns poemas no local e estava presente, junto com outros fundadores, da fundação da Secretaria de Cultura. Em notícia sobre sua morte, na internet, alguns literatos se manifestaram com depoimentos sobre sua pessoa:

Nelson Nery Costa, presidente da APL, disse que Hardi será lembrado pelo lirismo e sensibilidade da sua obra e destacou a grandiosidade do poeta. "Ele foi um dos maiores poetas do Piauí na segunda metade do século XX, que evoluiu ao longo do tempo e tornou-se um grande crítico literário", disse.

Nelson informou que a Academia vai homenageá-lo com o lançamento do seu último livro de crônicas, uma publicação inédita que deverá ocorrer até o final deste ano. "Vamos realizar esse desejo dele. Será uma publicação póstuma inédita", falou.

O jornalista

Tavares disse que o poeta deixa um exemplo de homem bom, decente e afável e concluiu dizendo que Hardi será sempre lembrado. "Ele viverá para sempre em nossa saudade. Nós estamos tristes, mas as musas estão em festa. Que Deus o acolha!", concluiu.⁷

Sobre Francisco Miguel de Moura, também é membro fundador do CLIP, e membro da UBE-PI, um dos mais influentes críticos literários do momento, também é poeta, romancista e imortal da Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira de número 08 da instituição. Nasceu em 16 de junho, Jeripapeiro, hoje Francisco Sales, na região de Picos, Piauí, se encontrando com noventa anos. É um dos principais divulgadores da importância da geração CLIP no estado, em anos anteriores a esta, escreveu o livro *Areias*, seu livro de estreia, em 1966, depois, algumas de suas obras são, *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, em 1972, *Poesia in Completa*, em 1997 e *Literatura do Piauí*, em 2001. Sobre Francisco Miguel de Moura e sua poesia, Herculano Moraes escreveu que:

A poesia de Chico Miguel de Moura data de 1966, quando estreou com *Areias*. Uma estreia que revelava um poeta profundamente identificado com a vanguarda poética. O saber concretista de algumas produções de *Areias*

⁷ Poeta e jornalista Hardi Filho morre aos 81 anos em Teresina. In: g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/03/poeta-e-jornalista-hardi-filho-morre-aos-81-anos-em-teresina.html

mostrava um poeta seguro, consciente da importância do seu trabalho para a renovação dos valores que revitalizariam a poesia piauiense.

[...]

No entendimento de Enéas Athanásio, Francisco Miguel de Moura “renova seu compromisso com a poesia, gênero de sua predileção, ainda que tenha granjeado renome como crítico e contista”.

Descrente dos valores do cotidiano, Chico Miguel cria a sua estrutura numa temática social, onde o homem é, quase sempre, o ponto de referência direta/indireta.

O sofrimento humano, resultado de uma luta árdua pela sobrevivência, tornou a poesia de Chico Miguel, limpa, eivada de um sentimentalismo transcendente e universal. (MORAES, 2019).

E sobre Herculano Moraes, presidente do CLIP, cuja trajetória já foi explanada na introdução deste trabalho, José Ribamar Garcia, o descreve da seguinte maneira:

Foi quem idealizou meu ingresso na Academia Piauiense de Letras. E, como não poderia ter deixado de ser, o escolhi para me receber. No dia, da posse, em 15 de março de 2007, fui recepcionado com seu belo discurso, repleto de evocações. Esse fato narrei no meu livro “Depois, o trem”.

Herculano, a quem eu chamava afetuosamente de “Índio”, devido à semelhança do seu semblante com o de um nativo da Amazônia, personificava a simplicidade – qualidade própria dos inteligentes. Foi grande em todas as atividades que exerceu: jornalista, poeta, escritor, crítico literário, orador. Dedicou a vida à cultura e à literatura, tendo fundado várias academias de Letras. Era afável, prestativo e, demasiadamente, talentoso. Nele talento escorria pelo corpo feito suor. E como escorria... sob este sol ardente de nossa Teresina.⁸

Outro depoimento acerca de Herculano Moraes e seu papel na luta pelo fazer literário foi feito por Reginaldo Miranda, que diz que:

Outro aspecto que desejamos ressaltar nessa homenagem fúnebre, que fazemos a esse nosso amigo na hora derradeira, é lembrar a sua luta como divulgador de nossa cultura. Lutou tenazmente para inserir o ensino de Literatura Piauiense, nos currículos escolares das escolas estaduais. Ingressou na Academia Piauiense de Letras, em 1º de maio de 1980, e ali exerceu protagonismo cultural. Preocupado com a movimentação cultural do Estado e a sua nunca esquecida luta para divulgar nossa literatura, incentivou a muitos e fundou mais de dez academias literárias em regiões distintas do Estado, assim como em seguimentos culturais, a exemplo das academias de ciências, de jornalismo e de história. Foi, também, muito generoso para com os jovens, sempre orientando àqueles que o procuravam e os apoiando com uma palavra

⁸ GARCIA, José Ribamar. Umas e outras sobre Herculano Moraes. In: www.portalentretextos.com.br/post/umas-e-outras-sobre-herculano-moraes

de incentivo. São inúmeras as resenhas literárias, assim como os prefácios e apresentações de obras literárias, sinal do respeito que gozava entre seus pares. Era também um revisor de raro talento.⁹

Esses resumos biográficos buscam auxiliar o leitor na compreensão de que, assim como o conceito de Geração para ser válido, precisa de multiplicidade nos pensamentos e ações das pessoas que dele participam, essas pessoas também precisam ser múltiplas em suas vivências, para buscarem modos alternativos de como mudar uma realidade em que elas não se sentem encaixadas. Ilustrados acima, a vida dos dirigentes do CLIP é recortada por experiências em diversas áreas e pelo contato com diversas pessoas que os fazem ter um pensamento mais amplo e profundo a respeito da sociedade. Alzira Abreu assim expõe:

Utilizar biografias e histórias de vida nos estudos de mudança social implica, sem dúvida, uma valorização do papel do indivíduo na história. De imediato, um problema se coloca ao historiador: que indivíduos estudar? A escolha deverá privilegiar personagens que ocuparam ou ocupam posições capazes de lhes garantir participação em decisões que afetaram ou afetam o curso dos acontecimentos, de lhes dar uma perspectiva mais ampla sobre o tema analisado, um conhecimento mais ou menos completo do fenômeno em estudo (ABREU, 2012).

Dessa forma, a questão levantada por Alzira Abreu remete na atuação destes integrantes, que possuíam posições de destaque para interferir no espaço que ocupavam e provocar mudanças nele, permitindo uma compreensão maior do momento histórico vivido por eles do que acontecia ao seu redor. A autora também alerta sobre como as falas das pessoas revelam maneiras de perpetuar sua visão dos fatos e de como o pesquisador deve se mostrar atento a esses casos, “A análise histórica do processo de mudança deverá partir do pressuposto de que a reconstituição do passado não pode ser feita sem levar em conta o presente, e especialmente a posição de quem fala e a representação que o depoente tem de sua história”(ABREU, 2012). Dessa forma, se nota nas falas dos participantes uma memória que eles querem conservar do tempo do CLIP.

Também essa interferência nesse espaço pode ser entendida como a atuação de intelectuais e na configuração destes como intelectuais, como coloca Gomes e Hansen, “Os intelectuais tem um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político”(GOMES; HANSEN, 2016). Ou seja, o interesse

⁹ MIRANDA, Reginaldo. Herculano Moraes. In: www.portalentretextos.com.br/post/herculano-moraes

desses intelectuais não parava unicamente em formular novos modos de escrita, e sim em modificar a cultura de um lugar para que novos projetos pudessem ser feitos, passando de sua instância de locais de poder, para atingir a todos, disseminando, assim, uma cultura letrada.

E a produção literária desses autores denota que não só entendiam a importância de um movimento que abrisse espaço para a criação de projetos culturais em todos os setores, artes, literatura, teatro, dentre outros, como entendiam que o próprio produto literário torna-se espaço divulgador dessas mudanças, um espaço onde cada literato poderia registrar suas percepções e entendimentos sobre as novas ordens sociais que iam surgindo e o lugar ocupado por essas relações. Como coloca Michel Foucault, “O autor, enfim, é um certo foco de expressão que, sob formas mais ou menos acabadas, manifesta-se da mesma maneira, e com o mesmo valor, em obras, rascunhos, cartas, fragmentos etc”(FOUCAULT, 2001). A autoria acompanha o desejo de ser conhecido dessa nova leva que ia surgindo no CLIP, já que eles promoviam encontros onde se tinham apresentações artísticas de diversas formas. Essa dimensão autor era também uma forma de não ser esquecido, já que, em outras palavras de Foucault, “O anonimato literário não é suportável para nós; só o aceitamos na qualidade de enigma. A função-autor hoje em dia atua fortemente nas obras literárias”(FOUCAULT, 2001). Não bastava pertencer ao movimento, ser parte do que estava acontecendo, também se precisava ter seu nome associado ao que acontecia, para todos saberem de sua produção e de sua obra. Por isso o interesse diverso em temáticas de escrita. Dessa forma, a temática de escrita seria livre, podendo abordar diversos assunto, como vimos com os fundadores, desde poesia, passando por crítica literária, análise histórica, romances, ou seja, um espaço aberto.

Há também, nessa esteira de se firmar um movimento e de se consagrar um escritor, um desejo por parte destes fundadores da valorização da própria identidade piauiense, pontuada justamente por um fazer literário singular dos autores do estado. Mas o que seria essa identidade piauiense, ou antes desta, o que seria essa identidade regional buscada? Acerca disso, Pedro Pio coloca que, “[...] a noção de identidade nordestina, inicialmente, vai sendo alinhavada nas memórias com a busca de tradições, como uma forma de (re) ligar o homem ao seu passado”(FILHO, 2017). Desta forma, a escrita destes participantes, ligada a temas que são reconhecidos como piauienses, buscava uma conexão com uma literatura piauiense pré-existente, embora “Tal expressão, ou conceito tem, em seu bojo, uma diretriz documental, no sentido de que a dita “literatura piauiense”, teria a função de, em boa medida, documentar uma preconcebida realidade do Piauí”(FILHO, 2017). Os participantes do CLIP, com isso, buscariam,

logo, uma ligação com o estado, para se firmarem dentro da proposta do movimento, que seria mexer com o espaço cultural piauiense.

3 CONCLUSÃO

O uso das sensibilidades em uma análise histórica deve permitir a compreensão das significações atribuídas no tempo, ao passado investigado. Estas leituras do tempo vão ser pontuadas não apenas pela racionalidade, pela objetividade, e muito mais pelo subjetivo, pelas particularidades de uma época expressas no objeto de análise. Essas sensibilidades esquecidas encontram na literatura uma fonte profícua, já que, ao lidar com silenciamentos e o que não está explícito, ela penetra de forma mais profunda a maneira como os indivíduos se insinuem, se apresentam ao mundo, desde que “a sensibilidade é, [...] capacidade humana, que fundamenta a apreensão do real”(PESAVENTO, 2004) A análise desses autores e do CLIP demonstra como estes eram afetados pelos fatos que mais o marcaram sua vida e o guiaram em um entendimento de como elas poderiam tomar a forma de narrativas e memórias de um tempo.

Pode-se pensar então que, no sentido da História como local de narrativas e memórias, ela também busca estabelecer a edificação de uma experiência, e o uso da literatura permite pensar não somente naquilo que se estabeleceu como verdadeiro e como fato, mas também naquilo que remete aos desejos de uma sociedade, de uma busca pelo possível. Nessa interpretação, Weber coloca:

Assim, o historiador é obrigado a realizar sempre uma ficção perspectivista da história, dado que é impossível a existência de uma história que recolha simplesmente o passado nos arquivos não chegando pura e simplesmente, a fatos aprioristicamente estabelecidos por fontes. A história é, neste sentido, sempre construção de uma experiência, que tanto reconstrói uma temporalidade quanto transpõe em narrativa. (SANTOS, 2008)

Com isso, a experiência construída no âmbito da história deve sempre se valer através de seus documentos, o que pode variar a interpretação de acordo com o que se pesquisa, já que uma fonte carrega em si múltiplos significados e sentidos, desde seu momento de produção, o que nela foi colocado, até os usos que se fazem dela depois de construída. É o olhar treinado do historiador que atribui significado a fonte e mesmo diz que algo é fonte de pesquisa., sendo o exercício historiográfico, também um exercício de interpretação. Neste jogo de interpretações, Cléria Botelho coloca que “Interpretar é: atribuir sentidos aos fatos narrados; é relacioná-los a

uma teoria; é estabelecer uma relação dialógica entre o corpus e o pesquisador – relação sempre mediada pela cultura”(COSTA, 2014). De modo que a interpretação é mediada pela construção cultural das pessoas, tanto do narrador quanto do pesquisador. Os documentos permitem que a eles se interprete de acordo com o conhecimento de quem o pesquisa, mas desde que este tenha responsabilidade de entender que um documento não é algo produzido sem significado, ele carrega o peso histórico, social e cultural do momento em que foi produzido, portanto interpretá-lo significa decodificar todos esses campos dentro de sua leitura e entendimento do momento em que este foi produzido. Entra-se, assim, na perspectiva de Documento/Monumento de Le Goff, onde ele coloca que, “A leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas... A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm”(LE GOFF, 1996). Essa seria a responsabilidade do historiador ao lidar com documentos, buscar entender o que eles podem revelar de útil para a pesquisa e não ficcionar em cima do querer enxergar nele. O autor termina por concluir seu pensamento com, “O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos”(LE GOFF, 1996), o que serve para lembrar do dever do historiador.

Com isso, outro aspecto que chama a atenção quando Le Goff disserta sobre essa questão, são as lembranças de Francisco Miguel de Moura e do próprio Herculano Moraes acerca do CLIP. Esse movimento, para ambos, em suas palavras, teve importância vital na vida cultural do Estado, inaugurando um novo momento para este e o tirando da inércia em que se encontrava artisticamente. Estes relatos e a importância dada a este período estariam dentro daquilo que se quer preservar e quer lembrar, perpetuando na memória, segundo Le Goff, “De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”(LE GOFF, 1996). Dessa forma, a imagem do movimento CLIP e suas profícuas colaborações estão inseridas na construção de uma memória coletiva sobre esse movimento, bem como nos interesses externos em consagrá-la junto com outros movimentos culturais piauienses, nas diversas instâncias de poder presentes no Piauí. Nesse sentido, de acordo com Morin, “De qualquer maneira, a pulsão cognitiva do homem ultrapassa, desenvolve, transforma a curiosidade mamífera e comporta a necessidade de compreender/explicar não somente o meio, mas o mundo e a si mesma”(MORIN, 2018). Ou seja, seria uma necessidade dos

participantes deste movimento proclamarem o seu fazer cultural no estado, bem como a relevância destes para o setor artístico e cultural.

REFERENCIAS

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. *Educação e Filosofia*, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan/abr 2019.

DA COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História Oral*, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez., 2014.

DE ABREU, Alzira Alves. Um novo olhar sobre os jornalistas. Os depoimentos orais. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, v. 1, n. 1, p. 96-104, jul-dez, 2012. p. 97.

FILHO, Pedro Pio Fontineles. A letra e o tempo: a escrita de O. G. Rego de Carvalho entre a ficção e a história da literatura. Teresina: EDUFPI, 2017.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In.: *Ditos e escritos vol. III. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros de Motta. Trad.: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2001.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e Ação Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In.: *História e Memória*. 4. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1996.

MOURA, Francisco Miguel de. *Literatura do Piauí*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2013. MORAES, Herculano. *Visão histórica da literatura piauiense*. 6. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2019.

MORIN, Edgar. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. Trad.: Juremir Machado da Silva. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2018

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimentos e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

SANTOS, Nádia Maria Weber. *Narrativas da loucura e história de sensibilidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. **A Geração**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FONTES ELETRÔNICAS

MOURA, Francisco Miguel de. A GERAÇÃO DO “CLIP” – PIAUÍ -ANOS 60. *Recanto das Letras*. Teresina, 13 de março de 2010. Disponível em: www.recantodasletras.com.br/artigos/2136594

Teatro de Arena completa 47 anos, no Dia da Cultura. Disponível em: piauinoticias.com/geral/39353-teatro-de-arena-completa-47-anos-no-dia-da-cultura.html

REVISTA CIRANDINHA: “CLIP” – ANOS 60 - LITERATURA DO PIAUI. Disponível em: cirandinhapiaui.blogspot.com/2010/03/geracao-do-clip-anos-60.html

Poeta e jornalista Hardi Filho morre aos 81 anos em Teresina. In: g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/03/poeta-e-jornalista-hardi-filho-morre-aos-81-anos-em-teresina.html

GARCIA, José Ribamar. Umas e outras sobre Herculano Moraes. In: www.portalentretextos.com.br/post/umas-e-outras-sobre-herculano-moraes

MIRANDA, Reginaldo. Herculano Moraes. In: www.portalentretextos.com.br/post/herculano-moraes.